

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
LEIRIA

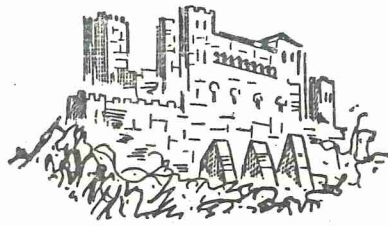
SEMINÁRIO DA RESPONSABILIDADE DE

M<sup>a</sup> das Dores Escada L. Cruz

COM A COLABORAÇÃO DE

M<sup>a</sup> Amélia Barrocas

58  
D  
37.04  
152



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO  
LEIRIA



Estante: 34  
Prateleira: 3  
Número: 8958

SEMINÁRIO DA RESPONSABILIDADE DE  
M<sup>a</sup> das Dores Escada L. Cruz  
COM A COLABORAÇÃO DE  
M<sup>a</sup> Amélia Barrocas

D37.04/152  
88 10.25

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA — ESEL

A AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NUM ENSINO DIFERENCIADO

SEMINÁRIO DA RESPONSABILIDADE DE

Mã das Dores Escada L. Cruz

COM A COLABORAÇÃO DE

Mã Amélia Barrocas

# ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA - ESEL

## PROGRAMA

### A.- OBJECTIVOS

1. Dominar o conceito de avaliação pedagógica.
  - 1.1 Distinguir entre avaliação e classificação.
  - 1.2 Explicitar a importância da avaliação no processo ensino aprendizagem.
2. Analisar as funções da avaliação no processo educativo.
  - 2.1 Distinguir entre avaliação formativa e sumativa.
  - 2.2 Explicitar as modalidades de aplicação da avaliação formativa.
3. Conhecer os fundamentos psicopedagógicos dos sistemas de avaliação.

### B.- CONTEÚDOS

1. Conceito de avaliação: sentidos lato e restrito
2. Conceitos de avaliação/classificação
3. Funções de avaliação tendo em conta os seguintes aspectos:
  - . Finalidades
  - . Utilização
  - . Objectivos que visa atingir
  - . Aspectos a que dá ênfase
  - . Informação
  - . Instrumentação
4. A avaliação como meio de regulação do processo ensino aprendizagem
  - 4.1 Modalidades de aplicação de avaliação diagnóstico
  - 4.2 Modalidades de aplicação de avaliação formativa
5. Instrumentos de avaliação e teorias de aprendizagem
  - 5.1 Observação directa e indirecta
  - 5.2 Testagem
6. A auto-avaliação como processo de aprendizagem
7. Problemas postos pelas actuais fichas de avaliação:
  - 7.1 O preenchimento dos parâmetros
  - 7.2 Os níveis a atribuir

### C.- GESTÃO DO TEMPO

MANHÃ - 9,30h - 12,30h

TARDE - 14,30h - 17,30h

*Faca uma leitura individual e marque  
com um circulo a sua opiniao.*

	Acordo total	Acordo parcial	Desacordo	Inseguro
1 - "Do ponto de vista do ensino, a avaliação pode ser definida como um processo sistemático de determinar até que ponto os objectivos educacionais são atingidos pelos alunos."	A	AP	D	?
2 - "A avaliação inclui descrições qualitativas e quantitativas do comportamento do aluno assim como juízos de valor."	A	AP	D	?
3 - "A medição limita-se às descrições quantitativas do comportamento do aluno."	A	AP	D	?
4 - A classificação traduz numa escala, mediante critérios previamente definidos, os resultados obtidos por meio da medição.	A	AP	D	?
5 - A avaliação contínua pressupõe que se façam constantemente testes, de extensão variáveis, orais e/ou escritos, sobre a matéria dada.	A	AP	D	?
6 - A avaliação permite clarificar os objectivos a atingir.	A	AP	D	?
7 - A avaliação permite verificar a eficácia das estratégias face aos objectivos visados.	A	AP	D	?
8 - A avaliação permite identificar eventuais alterações a introduzir na definição de objectivos e estratégias.	A	AP	D	?
9 - A avaliação permite determinar de entre os objectivos visados, quais os que foram atingidos e em que grau.	A	AP	D	?
10 - A avaliação permite determinar de entre os objectivos visados, quais os que não foram atingidos e porquê.	A	AP	D	?
11 - "A avaliação sugere a utilização de novas estratégias e materiais de ensino".	A	AP	D	?
12 - A avaliação permite obter informações que ajudam a planear estratégias realistas para o ensino subsequente.	A	AP	D	?
13 - A avaliação é um processo que incide apenas sobre o aluno.	A	AP	D	?
14 - A avaliação determina capacidades e conhecimentos de cada aluno no início do ano, e de cada unidade de ensino.	A	AP	D	?
15 - A avaliação diagnostica características e necessidades dos alunos.	A	AP	D	?
16 - A avaliação fomenta o progresso na aprendizagem.	A	AP	D	?
17 - A avaliação diagnostica e permite superar dificuldades na aprendizagem.	A	AP	D	?
18 - A avaliação identifica os casos de alunos carecidos de ajuda especial e indica a natureza do apoio a prestar.	A	AP	D	?
19 - A avaliação estimula as actividades dos alunos através da auto-avaliação.	A	AP	D	?
20 - A avaliação ajuíza do aproveitamento do aluno.	A	AP	D	?
21 - A avaliação processa-se a partir dos parâmetros e do nível global atingidos pelos alunos.	A	AP	D	?
22 - A avaliação fornece informações indispensáveis para a atribuição de classificação aos alunos.	A	AP	D	?
23 - "A avaliação prevê resultados futuros e facilita a orientação vocacional".	A	AP	D	?
24 - A avaliação evidencia a necessidade de um trabalho coordenado em equipa entre os professores da mesma disciplina e os de cada turma.	A	AP	D	?
25 - "A avaliação identifica problemas a resolver".	A	AP	D	?
26 - A avaliação põe em causa todo o sistema de ensino (currículos, programas, métodos, actuação do professor, instrumentos de trabalho, etc.).	A	AP	D	?
27 - A classificação depende fundamentalmente dos resultados				

## CONCEITO DE AVALIAÇÃO

- A. Avaliar é classificar.
- B. É determinar a qualidade das técnicas de ensino e do professor.
- C. É seleccionar.
- D. É determinar em que medida cada um dos objectivos foi atingido.
- E. É um entrave à criatividade.
- F. Mais do que um conjunto de técnicas é um conjunto de atitudes que permitem valorizar as potencialidades de cada um.

CONCORDO	DISCORDO
A.	
B.	
C.	
D.	
E.	
F.	

O QUE É QUE SE AVALIA?

- o aluno
- o professor
- os objectivos propostos
- os métodos para os atingir
- os materiais utilizados
- o tempo gasto
- as condições ambientais

Em suma: avalia-se todo o sistema, ou seja, todas as variáveis do processo ensino-aprendizagem.

## FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO

### TEXTO PARA DEBATE/INFORMAÇÃO

Quais são as funções de avaliação quando esta actividade é considerada no seu sentido mais lato?

Para debater este problema vão ser descritas várias situações da avaliação. Discuta-as com os seus colegas, procurando em seguida responder às questões que vão sendo formuladas relativamente a cada uma delas.

*A — No início do ano lectivo, o professor X dá às suas turmas pequenos trabalhos e exercícios com o fim de colher o maior número de elementos sobre os seus alunos.*

- Que tipo de elementos poderão ser estes?*
- Que função tem esta actividade avaliativa?*

*B — No decurso de cada etapa de aprendizagem o professor propõe de tempos a tempos pequenos exercícios para colher elementos, não só para si como para os alunos, que incluem perguntas relativas a todos os objectivos que se estão a procurar atingir. Estes testes não são classificados:*

*Que função tem esta actividade de avaliação?*

*C — No fim de cada etapa de aprendizagem, o professor dá um exercício contendo perguntas relativas a uma amostragem representativa da aprendizagem realizada. Este exercício é classificado.*

*Que função tem esta actividade de avaliação?*

*Em relação a que quadros de referência o professor pode situar o nível de sucesso do aluno?*

## RESPOSTAS AO EXERCÍCIO DE AUTO-AVALIAÇÃO

- 1 — Se se admitir que a avaliação desempenha nas actividades de ensino/aprendizagem um papel de elemento regulador do processo, poderemos, então conceber a importância que assume na educação.

De facto ela permite orientar as actividades propostas pelos professores, que deste modo serão adequadas às condições em que trabalha e aos diferentes tipos de alunos, ao mesmo tempo que indica a esses alunos como devem orientar os seus esforços no sentido de atingir metas primitivamente estabelecidas.

Assim concebida, a importância da avaliação é idêntica, qualquer que seja o grau de ensino considerado.

Pelas mesmas razões, na formação de professores, a avaliação como elemento regulador assume uma importância fundamental.

- 2 — Como se afirmou já em 1, a avaliação é um elemento regulador do processo ensino/aprendizagem e como tal os dados frequentes que fornece vão permitir ao aluno dar-se conta dos seus pontos "fracos" e "fortes", ajudando-o assim a empenhar-se mais no seu trabalho. Para além disso, se os alunos se derem conta de que a avaliação a que estão sujeitos e que lhes regula a aprendizagem, incide sobre actividades de memorizar, recebem uma indicação de que é usando a memória que deverão estudar.

Se, pelo contrário, a avaliação incide, por exemplo, sobre actividades que exigem aplicação de conhecimentos, ou resolução de problemas, será nesta direcção que o estudante organizará o seu modo de trabalhar. Assim, um aluno que tenha feito uma preparação no sentido de organizar dados, de analisar situações, alterará bruscamente o seu modo de trabalhar se for confrontado com uma prova em que falhou, por só lhe ser exigido memorizar. Esta prova diz-lhe, de forma bastante explícita, que para o seu professor o que interessa é saber as coisas de cor.

Além disso, o facto de um aluno estudar mais ou menos é grandemente influenciado pelas classificações que lhe foram atribuídas e que o estimulam ou desinteressam das actividades que está a realizar (Lei do Efeito de Thorndike).

## AVALIAÇÃO

### SENTIDO RESTRITO

(Tradicional)

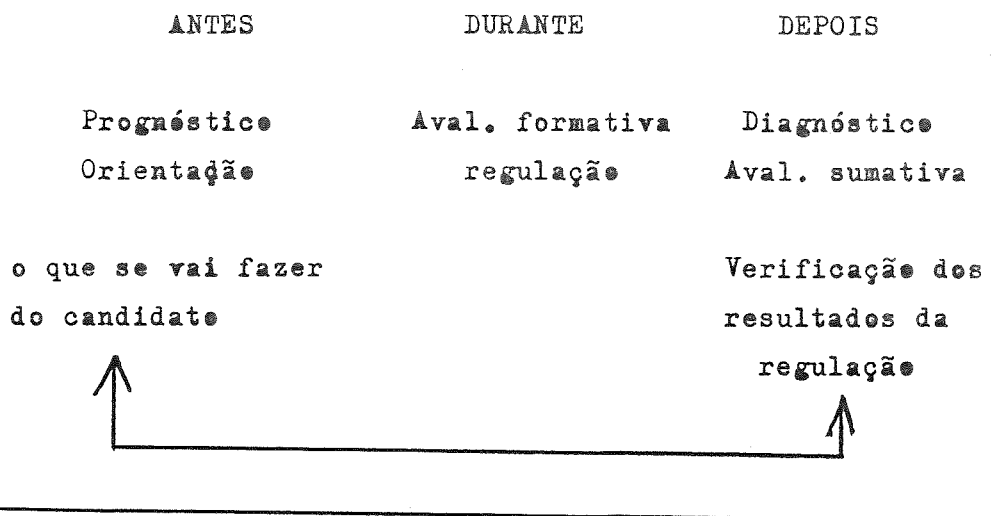
### SENTIDO AMPLO

(Actual)

- |  |  |
|--|--|
| <p>1. VISA APENAS O ALUNO</p> <p>2. SÓ O ALUNO É RESPONSÁVEL PELO INSUCESSO. É O BODE EXPIATÓRIO DOS FRACASSOS DO PROFESSOR OU DO SISTEMA.</p> <p>3. OCORRE APENAS NO <u>FIM</u> DO PROCESSO DE <u>ENSINO</u>.</p> <p>4. ENSINO E AVALIAÇÃO SÃO PROCESSOS SEPARADOS. O TEMPO E O ESFORÇO PARA A AVALIAÇÃO SÃO, MUITAS VEZES, PURA PERDA.</p> <p>5. AS PROVAS DE AVALIAÇÃO RODEIAM-SE DE UMA TENSÃO PSICOLÓGICA, DE UMA CARGA EMOTIVA, QUE DESVIRTUA OS RESULTADOS.</p> <p>6. A AVALIAÇÃO GERA COM FREQUÊNCIA SENTIMENTOS DE CULPA E DE FRUSTRAÇÃO QUE CONDUZEM À REVOLTA CONTRA A ESCOLA E A SOCIEDADE.</p> <p>7. INTEGRA-SE NUM SISTEMA FECHADO. O ALUNO SÓ INTERVEM PARA SER AVALIADO</p> <p>8. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA ASSENTA NA AUTORIDADE (AUTORITARISMO) DO PROFESSOR E NA PASSIVIDADE DO ALUNO.</p> | <p>1. INCIDE SOBRE TODAS AS VARIÁVEIS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.</p> <p>2. NÃO É NECESSÁRIO BODE EXPIATÓRIO. ANALISAM-SE AS VARIÁVEIS, DETECTAM-SE AS CAUSAS, CORRIGEM-SE (ABORDAGEM SISTÊMICA).</p> <p>3. TEM LUGAR <u>ANTES</u>, <u>DURANTE</u> E <u>DEPOIS</u>.</p> <p>4. ACTIVIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO INTEGRAM-SE E <u>CONFUNDEM-SE</u>.</p> <p>5. A AVALIAÇÃO NÃO É UMA PROVA OCASIONAL, MAS UMA ATITUDE PERMANENTE QUE TEM EM VISTA A SUPERAÇÃO DE DIFICULDADES E A MELHORIA DO SISTEMA.</p> <p>6. O ALUNO NÃO SE SENTE JULGADO, MAS APOIADO.</p> <p>7. A INICIATIVA E A PARTICIPAÇÃO CONSTANTE DO ALUNO FAZEM PARTE DO SISTEMA.</p> <p>8. A RELAÇÃO PEDAGÓGICA É DE TIPO COOPERATIVO E ASSENTA NUM DIÁLOGO PERMANENTE. O PROFESSOR É, ACIMA DE TUDO, UM "<u>OBSERVADOR-ANIMADOR</u>".</p> |
|--|--|

## AVALIAÇÃO

Recolha de informações tendo em vista uma decisão



## POSTULADOS DE BURNS (1971)

NÃO HÁ DOIS ALUNOS:

- . Com o mesmo ritmo de aprendizagem
- . Que utilizem as mesmas técnicas de estudo
- . Que resolvam os problemas exactamente da mesma maneira
- . Que possuam o mesmo repertório de comportamentos
- . Que possuam o mesmo perfil de interesses
- . Que estejam igualmente motivados para atingir as mesmas metas

(Methods for individualizing instruction, Educational technology)

# SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS VÁRIOS TIPOS DE AVALIAÇÃO

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS VÁRIOS TIPOS DE AVALIAÇÃO			
TIPOS DE AVALIAÇÃO			
	De diagnóstico	Formativa	Sumativa
FINALIDADES	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Obter indicações sobre conhecimentos, aptidões, interesses (ou outras qualidades do aluno).</li> <li>- Determinar a posição dos alunos no início de uma unidade de ensino, período ou ano.</li> <li>- Determinar as causas subjacentes de dificuldades de aprendizagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Feed-back" ao professor e ao aluno relativamente ao progresso deste.</li> <li>- Detectar os problemas de aprendizagem-ensino.</li> <li>- Localizar os erros de modo a permitir a utilização de outros processos de ensino.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Classificar os alunos no final de um período relativamente longo (por exemplo, unidade de ensino; período, ano, etc.).</li> </ul>
UTILIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- No início de uma unidade de ensino, período ou ano lectivo.</li> <li>- Durante o processo de ensino-aprendizagem quando o aluno revela insistentemente incapacidade para aproveitar o ensino normal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Durante o processo de ensino-aprendizagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- No final de um período relativamente longo (por exemplo, unidade de ensino, período, ano, etc.).</li> </ul>
OBJECTIVOS SOBRE QUE INCIDE A AVALIAÇÃO		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cada objectivo importante da unidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uma amostragem representativa dos objectivos considerados.</li> </ul>
ASPECTOS A QUE A AVALIAÇÃO DÁ ÊNFASE	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As aptidões, interesses, etc., que são julgados necessários (pré-exigidos) ou desejáveis relativamente aos objectivos a atingir.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resultados da aprendizagem relativamente aos objectivos.</li> <li>- Comparação dos diferentes resultados obtidos pelo mesmo aluno.</li> <li>- Processo de ensino-aprendizagem que permitiu os resultados obtidos.</li> <li>- Causas dos insucessos de aprendizagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resultados da aprendizagem relativamente aos objectivos.</li> </ul>
INFORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informação global relativamente às capacidades detectadas.</li> <li>- Descrição pormenorizada das capacidades reveladas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apreciação relativamente a cada objectivo.</li> <li>- Identificação, se possível, das origens das dificuldades observadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Geralmente global visando uma classificação ou nota.</li> <li>Poder-se-á também considerar uma apreciação relativamente a cada objectivo.</li> </ul>
TIPOS DE INSTRUMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Instrumentos de diagnóstico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Instrumentos formativos especialmente concebidos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Provas finais ou sumativas</li> </ul>

Fig. 1: Avaliação como meio de regulação no seio de um sistema de formação

<i>Formas de regulação</i>	<i>Momento</i>	<i>Função da avaliação</i>	<i>Decisão a tomar</i>
assegurar que as características dos alunos correspondam às exigências do sistema	no início de um ciclo de formação	prognóstica	admissão, orientação
	no fim de um período de formação	sumativa	certificação inter-mediária ou final
assegurar que os meios de formação correspondam às características dos alunos	durante um período de formação	formativa	adaptação das atividades de ensino/aprendizagem

Linda Allal  
 «A avaliação formativa»  
 num ensi<sup>o</sup> no diferenciado  
 Livraria Alameda,  
 Coimbra, 1986.

Psicopedagogo	Linha teórica	Contribuição ao processo educacional	Características do educando	Características do educador
SKINNER	<p>.modelagem do comportamento</p> <p>.condicionamento operante</p> <p>.influência do meio-ambiente no comportamento</p> <p>.relação reforço/aprendizagem</p>	<p>"programação" da instrução</p> <p>valorização da transmissão cultural, acumulo de conhecimentos e de práticas sociais</p>	<p>passivo</p> <p>receptor de informações</p>	<p>programador de situações de reforço</p> <p>controlador da aprendizagem</p> <p>manipulador de comportamentos</p>
PIAGET	<p>.interesse pela natureza do conhecimento</p> <p>.pesquisa da evolução mental da criança</p> <p>.correlação entre fases evolutivas e aquisição de conhecimentos</p> <p>.aprendizagem como processo intrínseco</p>	<p>aprendizagem como processo activo</p> <p>situações concretas</p> <p>vivência da descoberta</p> <p>Orientação em sentido concreto → abstrato simples → complexo</p> <p>valorização do jogo</p>	<p>participação activa</p> <p>redescobridor</p> <p>agente da própria aprendizagem</p>	<p>consultor</p> <p>orientador</p> <p>organizador de situações</p>
BRUNER	<p>.motivação intrínseca</p> <p>.transferência da aprendizagem</p> <p>.importância da pensamente intuitivo</p>	<p>interesse no currículo em especial</p> <p>valorização da estrutura da matéria</p> <p>cultivo da excelência do produto</p> <p>correlação etapa de desenvolvimento/aprendizagem</p>	<p>participante activo</p> <p>ser social</p> <p>busca de desenvolvimento intelectual óptimo</p> <p>centro do processo</p>	<p>incentivador da aprendizagem</p> <p>"mede de competência"</p> <p>consultor</p> <p>informador</p>
ROGERS	<p>homem como centro de todos os actos</p> <p>fundamento último da personalidade na consecução de uma vida plena</p> <p>natureza de homem com características positivas</p>	<p>respeito as potencialidades</p> <p>aprendizagem como processo activo</p> <p>importância da prática na aprendizagem significativa</p> <p>"aprender a aprender"</p>	<p>centro de processo</p> <p>participação activa</p> <p>atuação prática</p> <p>sujeito da aprendizagem.</p>	<p>responsável por um clima de liberdade e compreensão</p> <p>facilitador da aprendizagem</p> <p>estimulador da socialização</p>

## CONHECER O ALUNO — UMA DAS CONDIÇÕES PARA O SUCESSO ESCOLAR

“Imagine-se uma corrida de cem jardas na qual um dos dois concorrentes tem as pernas ligadas uma à outra. Quando o outro já estava nas 50 jardas, ele só tinha chegado às 10. Nesse momento os elementos do júri da corrida deram-se conta de que a corrida não era justa. Como irão eles corrigir a situação? Irão remover as cordas das pernas do corredor e deixar prosseguir a corrida? Eles poderão então afirmar que estava garantida a “igualdade de oportunidades”. Mas um dos corredores continuaria 40 jardas à frente do outro. Não seria mais justo fazer com que o corredor que tinha estado atado percorresse o espaço de quarenta jardas? Não se poderia também recomeçar a corrida? Estas sim, seriam acções que contribuiriam para a criação de uma situação de igualdade” (2).

14

## FICHA DE DIAGNÓSTICO

Nome:

Ano:

Idade:

Turma:

- Quantos anos tinhas quando entraste pela primeira vez para a Escola?
- Que estabelecimentos de ensino frequentaste?
- Gostas da tua Escola? Porquê?
- Qual a disciplina que mais te interessa?
- Já trabalhaste em grupo?
- Gostas mais de trabalhar em grupo, ou individualmente?
- Que modificações gostarias de ver na tua Escola?
- Em tempo de aulas, qual a hora habitual de te deitares?
- Como costumavas passar os tempos livres?
- Quais as tuas distrações preferidas?
- Gostas de ler?
- Lês habitualmente, ou só de vez em quando?
- Que tipo de leituras preferes?
- Tens algum herói preferido?
- Preferes brincadeiras ao ar livre, ou jogos dentro de casa?
- Preferes brincar sozinho, ou com os teus amigos?
- Se costumavas ver T.V., que programas preferes?
- Tens o hábito de ler o jornal? Que parte do jornal te interessa mais?
- No futuro, que profissão gostarias de ter?

FICHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

1. Nome \_\_\_\_\_

2. Ano \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_

3. Nome do professor do ano anterior \_\_\_\_\_

4. Nível de classificação final do ano anterior \_\_\_\_\_

5. Repetente: Não   
Sim

6. Dos conteúdos do programa do ano anterior, que a seguir se enunciam refere os que foram leccionados:

	Sim	Não	Não sei
_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
_____			

...

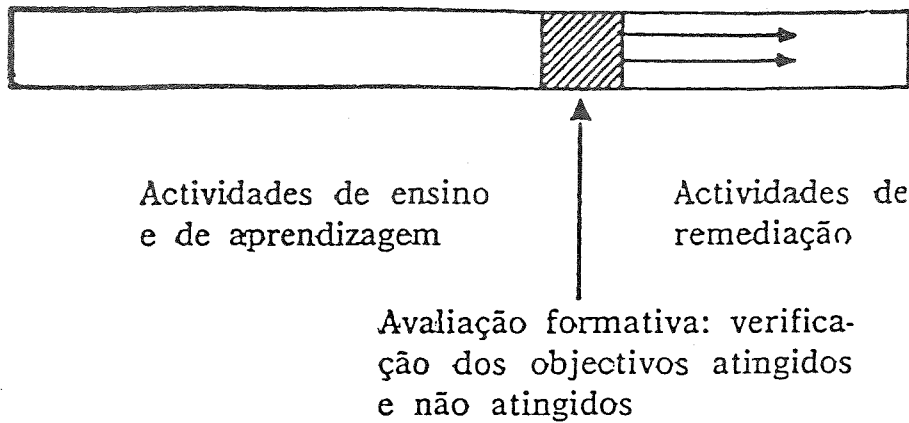
7. Em relação aos conteúdos dos programas leccionados situa os teu conhecimentos:

	Muito	Pouco	Nada
_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
_____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
_____			

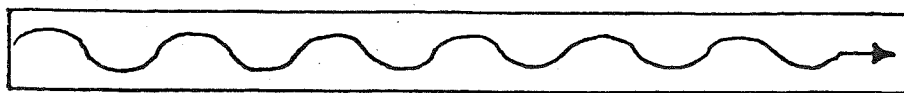
...

Fig. 2: Modalidades de aplicação da avaliação formativa

2.1: avaliação pontual, regulação retroactiva

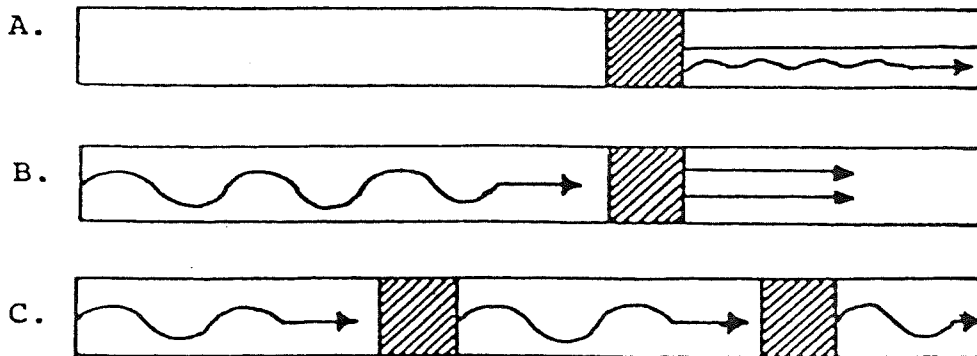


2.2: avaliação contínua, regulação interactiva



Integração da avaliação formativa nas actividades de ensino e de aprendizagem: diagnóstico e orientação individualizados durante a aprendizagem

2.3: modalidades mistas



Linda Allal

# TESTE DE QUÍMICA

## *Folhas de respostas*

Nome:.....

Data:..... Teste número.....

Envolve com um círculo a tua resposta a cada pergunta. Quando corrigires este teste, escreve a letra J ao lado de cada resposta correcta e deixa um espaço em branco ao lado das respostas incorrectas.

Este teste destina-se a informar-te sobre as tuas dificuldades de estudo e não conta para a tua nota final. Para cada item a que não tenhas respondido correctamente, lê com atenção as sugestões propostas que te ajudarão a encontrar a resposta correcta e a sua explicação.

	J	S 1	S 2	S 3	S 4
1. A B C D E		10 Out	pág. 21	pág. 19	ficha 1
2. A B C D E		10 Out	pág. 21	pág. 18	ficha 1
3. A B C D E		10 Out	pág. 28	pág. 14	ficha 1
4. A B C D E		10 Out	pág. 28	pág. 15	ficha 1
5. A B C D E		10 Out	pág. 31	pág. 76	ficha 1
6. A B C D E		15 Out	pág. 31	pág. 76	ficha 1
7. A B C D E		15 Out	pág. 33	pág. 86	ficha 1
8. A B C D E		17 Out	pág. 32	pág. 84	ficha 1
9. A B C D E		17 Out	pág. 33	pág. 84	ficha 1
10. A B C D E		17 Out	pág. 33	pág. 84	ficha 1
⋮					
28. A B C D E		27 Out	pág. 37	pág. 101	ficha 6
29. A B C D E		31 Out	pág. 36	pág. 98	ficha 7
30. A B C D E		31 Out	pág. 38	pág. 104	ficha 7

S 1: rever os apontamentos da aula

S 2: consultar o compêndio da disciplina

S 3: procurar no manual de consulta: *Química: uma ciência experimental*

S 4: fazer uma ficha de exercícios suplementares.

1. Para a avaliação do processo ensino-aprendizagem recorremos a duas técnicas diferentes:

- a observação directa do aluno
- a testagem

1.1. Quais as vantagens e inconvenientes de cada uma delas?

1.2. Parece-lhe possível utilizar exclusivamente uma delas?

1.3. A verificar-se a hipótese absurda de ter de optar por uma delas, qual escolheria?

	VANTAGENS	INCONVENIENTES
O B S E R V A Ç Ã O	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Maior amplitude</li> <li>. Maiores possibilidades nos domínios afectivos e psicológicos</li> <li>. Integração avaliação nas actividades ensino-aprendizagem</li> <li>. Favorece relação ajuda</li> <li>. Actua no momento</li> <li>. Facilita regulação</li> <li>. É contínua</li> <li>. Atende ao ritmo dos alunos</li> <li>. Incide sobre o processo</li> <li>. Avaliação formativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Carácter efémero dos actos de observação</li> <li>. Maior subjectividade</li> <li>. Só com poucos alunos</li> <li>. Mais difícil de traduzir em qualquer estala</li> </ul>
T E S T A G E M	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Maior objectividade</li> <li>. Utiliza instrumentos materiais perenes (possibilidade de análise e reflexão)</li> <li>. Grande número de alunos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Incidência quase exclusivamente dom. cognitivo</li> <li>. Difenida</li> <li>. Apresenta os produtos da aprendizagem fora do contexto</li> <li>. Carga emocional</li> <li>. Favorece a culpabilização</li> <li>. Incide apenas sobre produtos</li> <li>. Avaliação sumativa</li> </ul>

## ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LEIRIA – ESEL

### OBSERVAÇÃO/INFERÊNCIA

Das afirmações que a seguir se enunciam identifique as que são do domínio da observação e as que são do domínio da Inferência.

1. O António esteve toda a aula distraído.
2. O Miguel rabiscou vários desenhos durante a aula
3. A Margarida estava incomodada e desatenta
4. A Cláudia ficou com o lápis do colega da frente
5. O Pedro é muito preguiçoso
6. A Margarida não gosta de estudar
7. O António abriu várias vezes a boca durante a aula.

*D. Escobar*

O aluno manifesta espírito de iniciativa

Aspectos observados \ Graus da escala	5	4	3	2	1
- Apresenta sugestões variadas		x			
- É original nas sugestões que apresenta			x		
- Procura resolver problemas concretos			x		
- Põe em prática ideias novas				x	

**ESCALAS GRÁFICAS \***

Os graus da escala representam-se numa linha horizontal em que se refere, também o significado de cada número.

**Exemplos:**

1) O aluno é pontual?

1	2	3	4	5
Nunca	Raras vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre

2) O aluno faz comentários oportunos

1	2	3	4	5
Nunca		Frequentemente		Sempre

**ESCALAS DESCRITIVAS**

Nestas escalas descrevem-se de forma sucinta, mas o mais pormenorizadamente possível, as características a observar. Assim, estas escalas permitem uma avaliação mais objectiva que as referidas anteriormente.

\* Este tipo de escalas é de grande utilidade para o professor, não só na observação dos alunos, mas também para avaliar por exemplo, livros escolares, como se mostra nos exemplos seguintes extraídos de um instrumento de avaliação do livro escolar:

1) Os objectivos gerais estão bem formulados

1	2	3	4	5
Nunca	Raras vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre

2) Os objectivos gerais constituem um conjunto representativo

1	2	3	4	5
Não		Parcialmente		Sempre



DISCIPLINA: \_\_\_\_\_

ANO LECTIVO: \_\_\_\_\_

PROFESSOR: \_\_\_\_\_

PERIODO: \_\_\_\_\_

TURMA: \_\_\_\_\_

ATITUDE E COOPERAÇÃO NA AULA

ITENS OBSERVÁVEIS	Nº. DOS ALUNOS											
Escuta atentamente												
Toma notas												
Só consegue concentrar-se por períodos muito curtos												
Aborrece-se nas aulas												
Interrompe as intervenções dos outros												
Trabalha noutras tarefas da aula durante os períodos de debate												
Está sempre na lua												
Não ouve as perguntas que lhe são dirigidas												
Fala ou discute com os colegas enquanto outro colega está "em actuação"												
Faz barulho, etc. para interferir no andamento da aula												
Mostra grande interesse pelo assunto												
Corresponde positivamente às correcções que lhe são feitas												
Mostra indiferença quando a maioria está interessada												
Está frequentemente a desenhar ou a olhar para a rua												
Parece transtornado quando outro aluno perturba a aula												
Pede a ajuda especial quando não consegue compreender												
Assiste às "aulas de recuperação"												

(Adaptado de Sund, Robert B. e Trowbridge, Leslie W, Teaching Science by Inquiry, Columbus, Ohio: Charles E. Merrill Publishing Co. 1967)





NOME Aluno x..... NÚMERO ..... TURMA ..... ANO 9.º.....

IDADE 14 anos..... LOCAL DE OCORRÊNCIA Sala de aula.....

DATA ..... OBSERVADOR o professor.....

---

**Incidente**

O aluno x até esta data nunca interveio nas aulas, a não ser quando solicitado. Hoje, durante a aula que decorria na presença de uma visita estranha à escola, o aluno interveio espontaneamente por diversas vezes e com plena oportunidade e acerto. Estas intervenções e as de outros colegas que habitualmente já intervinham, muito contribuíram para dinamizar a aula.

**Comentário**

O comportamento deste aluno, pela novidade que apresentava ao professor e aos colegas, deu oportunidade a trocas de impressões e a uma observação mais cuidada do aluno por parte do professor.

Observações posteriores levam a crer que o estímulo fornecido pela presença do observador na aula foi capaz de vencer a timidez do aluno Este estímulo deu-lhe ainda oportunidade de revelar as suas reais capacidades que de outro modo ficariam porventura desconhecidas ou só posteriormente seriam descobertas.

- Vantagens

- "Tornam possível a recolha de dados sobre comportamentos que, embora excepcionais, são significativos. Exemplos: o aluno calado que fala pela primeira vez, o aluno hostil que tem um gesto amistoso, o aluno conformista que revela um sinal de originalidade, o aluno apático que mostra reacções significativas."
- permitem registar os incidentes, as reacções dos alunos e as condições em que se verificaram.
- permitem detectar desajustes importantes no comportamento do aluno.
- proporcionam dados para a auto-avaliação dos alunos.

- Inconvenientes \* \*

- Basear o conhecimento do aluno em poucos dados que podem não corresponder ao que o aluno realmente é.
- Deixar-se impressionar mais pelos aspectos negativos que pelos positivos e só registar aqueles.
- Deixar-se influenciar por juízos pré-estabelecidos.
- Registar a interpretação pessoal do professor e não o facto com a devida objectividade.
- Registar o incidente sem referir o contexto em que ocorreu.
- Exigir muito tempo para manter um registo actualizado e com dados suficientes para serem significativos.

**Algumas sugestões que podem facilitar o registo.**

- O professor deve sempre elaborar um plano realístico de registos a efectuar. O número de incidentes registados deve aumentar gradualmente até que se possa considerar significativo.
- As descrições devem restringir-se a um único incidente e serem expressas de forma clara, breve e concisa.
- A descrição factual do incidente deverá manter-se sempre nitidamente separada do comentário que o professor fizer sobre a ocorrência. Aquela descrição deverá ser feita em termos objectivos evitando a formulação de juízos de valor. Assim devem evitar-se termos de conotação valorativa tais como: egoísta, agressivo, simpático, etc..
- Na impossibilidade de se fazer um registo completo, imediatamente após o incidente, deverão, pelo menos, tomar-se notas breves sobre os aspectos considerados essenciais para obviar a eventuais esquecimentos ou deturpações, sendo os registos completados posteriormente.
- É oportuno um certo lapso de tempo que permita a recolha de mais dados, de modo a que ao fazer-se posteriormente a interpretação, esses dados proporcionem uma reflexão que leve a um juízo mais completo e objectivo.
- Devem registar-se quer os incidentes positivos quer os negativos, o que exige um certo esforço por parte dos professores, sobretudo porque há tendência para se registarem mais facilmente os incidentes que incomodam pessoalmente ou os que perturbam o funcionamento das aulas.

ESCOLA \_\_\_\_\_

FICHA DE REGISTO DE OCORRENCIAS SIGNIFICATIVAS

NOME: \_\_\_\_\_ NÚMERO: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_ ANO: \_\_\_\_\_  
IDADE: \_\_\_\_\_ LOCAL DE OCORRENCIA: \_\_\_\_\_  
DATA: \_\_\_\_\_ OBSERVADOR: \_\_\_\_\_  
DISCIPLINA: \_\_\_\_\_

INCIDENTE:

COMENTÁRIO:

AUTO-AVALIAÇÃO

(Assinale com um X a resposta que traduz, para cada um dos pontos da lista de verificação proposta, a sua auto-avaliação)	Nunca	Raras vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
As minhas perguntas permitem que os alunos explorem, expliquem, fundamentem e avaliem as suas ideias.					
Dou oportunidade aos alunos de discutirem e trocarem ideias entre si.					
As minhas intervenções são sobretudo para solicitar respostas dos alunos e não para lhas fornecer.					
Aproveito ideias e respostas dos alunos para formular as minhas perguntas.					
O número das minhas intervenções é menor do que o número de intervenções dos meus alunos.					
Encorajo o aluno a avaliar a adequação dos dados fornecidos às conclusões tiradas por ele ou por outros.					
As minhas perguntas conduzem o aluno à análise crítica de diversas fontes de informação.					
Faço perguntas que não englobam duas ou mais questões relacionadas.					
Faço perguntas claras, a que os alunos respondem sem dificuldade.					
Elaboro perguntas que não incluem partes da resposta.					
Faço perguntas que não exigem apenas uma resposta "sim" ou "não".					
Construo perguntas de conteúdo relevante.					
As perguntas que faço estão de acordo com os objectivos formulados.					
Dou tempo aos alunos para pensarem e responderem.					
Ouço as respostas dos alunos.					
Rejeito as respostas de uma forma implícita.					

COMENTE AS SEGUINTE AFIRMAÇÕES

- . O aluno que não é capaz de realizar correctamente uma determinada " performance" também não é capaz de a avaliar.
- . O aluno é incapaz de realizar a sua própria avaliação.
- . A avaliação quando feita pelo aluno não merece credibilidade.
- . O aluno não confia na avaliação quando esta é feita por si próprio.
- . A avaliação é um instrumento de poder que não pode ser confiada ao aluno.

Pa Jones Cruz

## AUTO AVALIAÇÃO

- PERMITE A ANÁLISE DAS ESTRATEGIAS INDIVIDUAIS DA APRENDIZAGEM
- FACILITA A ADAPTAÇÃO DAS ESTRATEGIAS INDIVIDUAIS DE APRENDIZAGEM ÀS ESTRATEGIAS DE ENSINO DO PROFESSOR
- FACILITA A ADAPTAÇÃO DO ALUNO ÀS CONDIÇÕES AMBIENTAIS EM QUE O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM SE DESEENROLA
- INFORMA O ALUNO SOBRE A SUA EVOLUÇÃO DA APRENDIZAGEM
- FORNECE AO "APRENDIZ" PISTAS PARA AS FUTURAS AQUISIÇÕES DE CONHECIMENTOS
- FOMENTA A AUTONOMIA
- DESENVOLVE O ESPÍRITO CRÍTICO
- DESENVOLVE A MOTIVAÇÃO E O INTERESSE.

M<sup>a</sup>. das Dores Escada L. Cruz

## FICHA DE AUTO-AVALIAÇÃO (1)

	Muitas vezes	Bastantes vezes	Raras vezes	Nunca
Entro em diálogo tanto com o professor como com os colegas				
Colaboro com todos os colegas igualmente				
Participo espontaneamente nas actividades colectivas				
Faço perguntas quando tenho dúvidas				
Aceito mudar de grupo de trabalho quando necessário				
Estou atento às intervenções dos outros sem os interromper				
Respeito a opinião dos meus colegas				
Em caso de conflitos, ajudo a resolvê-los				
Espero a minha vez para falar				
Defendo os meus pontos de vista com calma				
Admito que as minhas propostas não sejam aceites				
Sou capaz de admitir que errei				
Faço o trabalho em casa				
Tenho cuidado com o material				
Cumpro as normas democraticamente estabelecidas pela turma				

(1) - Esta ficha é fornecida a título de ilustração. É de notar que só deve ser aplicada tomando em conta as circunstâncias e adaptando-a, se necessário

\*\*\*

## TEXTO DE APOIO

### QUANDO CLASSIFICA, UM PROFESSOR DEIXA DE SER EDUCADOR?

As mudanças introduzidas no processo de avaliação tradicional português provocaram e ainda provocam reacções de oposição.

Qualquer inovação, qualquer mudança que se introduza num sistema desencadeia nele uma reacção, reacção essa que tende a contrariar a inovação introduzida. Isto passa-se em qualquer sistema, seja ele biológico ou social.

As transformações introduzidas a nível de avaliação não fugiram, nem podiam fugir a esta regra, sobretudo porque elas implicam uma mudança relativamente a algo que foi inculcado nas pessoas desde há muito: a ideia de que a escola deveria ser selectiva e fomentadora de competição.

Com efeito, a questão essencial não reside na opção desta ou daquela escala, no aparecimento ou não de parâmetros, mas numa opção mais funda que envolve uma concepção de Escola e de Avaliação: uma escola empenhada no crescimento intelectual, afectivo e motor de todos os seus alunos, que utiliza a avaliação como auxiliar indispensável na concretização desta tarefa. É, portanto, uma profunda mudança de atitude que é pedida aos professores, quando se propõe o novo sistema de avaliação. Ora, não é fácil mudar de atitude, sobretudo quando existem hábitos profundamente arraigados como aqueles que nós, professores, fomos criando na Escola. Com efeito, os professores, primeiro como alunos, depois como profissionais, foram criando o hábito de encarar a avaliação como um processo que tinha fundamentalmente a função de seleccionar e, como tal, era um dos principais mecanismos geradores da competição entre os alunos. Quantas das frases negativas se ouvem ainda hoje não são o fruto deste hábito, não decorrem de uma rotina há longos anos instalada na prática dos professores? É preciso, antes de os julgarmos, dar-lhes oportunidade de reflectirem, de debaterem questões importantes que têm a ver com o pôr em causa aquilo que durante anos foi tacitamente aceite.

Analisam-se, seguidamente, algumas das afirmações feitas durante o Conselho de Turma e que eventualmente poderão ajudar nessa reflexão, nesse debate. Seleccionaram-se aquelas frases que, pelas atitudes que revelam, é mais urgente analisar:

- . A escala de 1 a 5 não permite diferenciar aquilo que a natureza à partida diferenciou. Isto de meter no mesmo saco meninos de 10 e 13 valores não está certo.
- . A escala de 1 a 5 é muito limitativa.
- . O preenchimento dos parâmetros é uma "chinesice" que só serve para nos complicar a vida... como é que vou pronunciar-me sobre alunos que conheço tão superficialmente?
- . A cada uma das notas da escala fiz corresponder um perfil... arranjei 5 perfis e cada aluno "encaixa" sempre num deles.
- . É preciso jogar sempre pelo seguro - o 5 é para o 3º período.
- . Quando os alunos entram na sala de aula são todos iguais. Trato-os da mesma maneira.
- . Este é um caso perdido, nunca há-de dar nada. Tem de se escrever na ficha que ele é preguiçoso.
- . Não sou psicólogo nem assistente social. Sou professora e como tal estou aqui para ensinar o programa.
- . A escola tem ou não de preparar os alunos para a vida? Então se destruímos a competição entre eles estamos a desarmá-los.

# FICHA DE INFORMAÇÃO

ANO LECTIVO DE 19\_\_-19\_\_

ARQUIVO DA ESCOLA  
DOSSIER DO ALUNO

ESTABELECIMENTO DE ENSINO \_\_\_\_\_

NOOME DO ALUNO \_\_\_\_\_

ANO \_\_\_\_\_

TURMA \_\_\_\_\_

N.º \_\_\_\_\_

DISCIPLINAS	ASSIDUIDADE										I Aquisição de compreensão de conhecimentos	II Utilização da aprendizagem em novas situações	III Participação no trabalho	IV Progresso na aprendizagem	V Nível Global atuidade		
	P	D	A	P	D	A	P	D	A	P							
PORTUGUES				37	32	32	17	16	12		R	M	M	R	M	2	3
FRANÇES	23	21	24	37	31	27	19	18	17		H	M	M	M	H	3	3
INGLES	17	10	10	36	10	10	12	9	8		-	R	-	H	-	3	2
ALEMÃO																	
HISTÓRIA	12	9	9	23	18	17	11	8	7		-	R	-	H	-	3	3
GEOGRAFIA	16	10	10	34	17	14	11	11	11		R	R	H	M	R	2	2
CIENCIAS DA NATUREZA																	
BIOLOGIA	26	26	26	37	33	29	17	17	19		R	R	R	R	R	2	2
CIENCIAS FISICO-QUIMICAS	26	17	16	35	30	26	20	4	2		H	H	R	H	-	3	2
MATEMÁTICA	27	16	16	39	27	27	26	8	3		H	H	H	E	H	3	3
INTRODUÇÃO À ECONOMIA																	
EDUCAÇÃO VISUAL / DESENHO	16	14	14	24	23	22	14	8	4		H	H	H	H	R	3	3
TRABALHOS OFICINAIS																	
EDUCAÇÃO FISICA	19	6	5	22	17	15	12	7	4								
RELIGIÃO E MORAL																	
OPÇÃO	37	18	18	48	73	50	20	19	17		R	H	R	R	R	7	3

Simbolos a utilizar: em I, II, III e IV — R (reduzido), M (médio), E (elevado)  
em V — 1, 2, 3, 4, 5

a) Sem presença  
b) por falta de documentos

O DIRECTOR DA TURMA

### SISTEMA MÚLTIPLO DE CLASSIFICAÇÃO E INFORMAÇÃO

#### Utilização de listas de objectivos

Este sistema mantém a classificação literal ou numérica complementando-a com listas de objectivos. Em alguns casos são atribuídas duas notas em cada disciplina: uma referente ao esforço, outra traduzindo o aproveitamento em relação aos objectivos da disciplina.

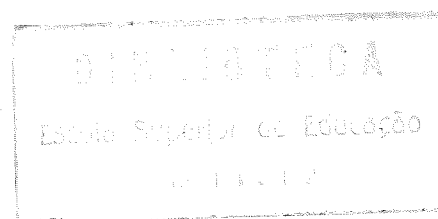
A nota relativa ao aproveitamento, em vez de constituir um aglomerado de diversos factores, refere-se apenas, à posição global do aluno em relação aos objectivos da disciplina: é, portanto, a pura medida do nível atingido.

Como exemplo apresenta-se uma ficha de registo (1), típica de um sistema múltiplo de classificação e informação.

<b>REGISTO DO PROGRESSO</b>	
ESCOLA.....DISCIPLINA.....	
..... 1.º Período	..... 2.º Período
..... Registo final	
ESCALA: Muito satisfatório + , Satisfatório S, Não satisfatório N, Sem bases para informação $\phi$	
Respeita os direitos, opiniões e capacidades dos outros ..... S N $\phi$ Sente responsabilidades pelo progresso do grupo ..... S N $\phi$ É cuidadoso com os materiais seus e da escola ..... S N $\phi$ Aproveita bem o tempo ..... S N $\phi$ É atento ..... S N $\phi$ Cumpre as normas estabelecidas ..... S N $\phi$ Prepara os trabalhos escolares convenientemente ..... S N $\phi$	Revela independência de pensamento e originalidade ..... + S N $\phi$ Procura obter mais do que conhecimentos superficiais ..... + S N $\phi$ Compreende princípios matemáticos ... + S N $\phi$ Aplica princípios matemáticos em novas situações ..... + S N $\phi$ Realiza operações algébricas ..... + S N $\phi$ ..... .....
<b>APROVEITAMENTO:</b> - 5. Excelente - 2. Fraco - 4. Muito Bom - 1. Muito Fraco - 3. Bom - $\phi$ Sem bases para informação	<b>ESFORÇO</b> - 5. Excelente - 2. Fraco - 4. Muito Bom - 1. Muito Fraco - 3. Bom - $\phi$ Sem bases para informação
OBSERVAÇÕES:	
O PROFESSOR.....	

## BIBLIOGRAFIA

- ALLAL, L.; CARDINET, J.; PERRENOUD, P. - A avaliação formativa num ensino diferenciado. Coimbra, Almedina, 1986.
- BIRZEA, C. - Rendre opérationnels les objectifs pédagogiques. Paris, PUF, 1979.
- COMISSÃO DE REFORMA DO SISTEMA EDUCATIVO - Documentos preparatórios, vol. I. Ministério da Educação, 1988, p.75-142.
- CORTESÃO, L.; TORRES, M.A. - Avaliação pedagógica I. Insucesso escolar. Porto Editora, 1981.
- CORTESÃO, L.; TORRES, M.A. - Avaliação pedagógica II. Perspectivas do sucesso. Porto Editora, 1983.
- DE LANDSHERE, G. - Avaliação contínua e exames. Coimbra, Almedina, 1976.
- EGGLESTON, J. - "Objectifs de l'éducation dans les années 80". Perspectives vol. X, n.º.3, 1980, p. 322-332.
- GLATTHORN, A.; CORTESÃO, L.; TORRES, M.A. - Orientar como? CLCFF, 1981.
- GRONLUND, N.E. - Measurement and evaluation in teaching. Third-Edition New York, Macmillan company, 1976.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA - Boletins Informativos n.ºs. 4, 5 e 6, Outubro, 1980.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - "Lei de bases de sistema Educativo". Diário da República, I Série, 1985.
- TAVARES, J.; ALARCÃO, I. - Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem. Coimbra, Almedina, 1985.





IPL



ESE08958

Seminário da responsabilidade  
de Maria das Dores Escada L.  
Cruz